

24-9-58

PAPEL FORTE

DEU ontem o «Jornal do Brasil» o resumo de uma carta que d. Antônio, Bispo do Porto, mandou ao sr. Oliveira Salazar. E' o que no tempo de Vieira se chamaria um «papel forte»: reduz a pouco menos que nada as glórias do famoso e eterno presidente do Conselho.

Começa dizendo que a Igreja em Portugal está perdendo a confiança dos melhores. No Minho, mal os padres começaram a falar em eleições, «os homens... retiraram-se afrontosamente da igreja», e nas juventudes da Ação Católica «os dirigentes mais responsáveis saltam fora dos quadros e da disciplina para manifestarem a sua inconformidade e desespero». Há «uma tremenda crise nacional que a campanha das eleições pôs a nu».

Um dos argumentos pró-Salazarismo é a força da moeda portuguesa, mas isso não chega a encantar o Bispo: «um financismo à outrance... invertido num economismo despótico... resultou efetivamente (com exceção do período inicial dos abonos de família) em benefício dos grandes contra os pequenos e finalmente na opressão do pobre. Não esqueço as grandes possibilidades de trabalho que o Estado e as grandes empresas criaram; isso, porém, não impediu que se estabelecesse e fechasse o que podemos chamar o ciclo da miséria».

E mais adiante: «Temos de ser francos, talvez brutais: o corporativismo português, como outros já passados, foi realmente um meio de espoliar os operários do direito natural de associação, de que o liberalismo, em 91, os privara, e que tinham reconquistado penosa e sangrentamente».

Em outra passagem diz o Bispo parecer que a Portugal cabe na Europa «o já hoje exclusivo privilégio do mendigo, do pé-descalço, do maltrapilho, do farrapão e do nosso triste apanágio das mais altas médias de subalimentados, de crianças enxovalhadas e exangues e de rostos pálidos (de fome? de vício?)».

Esta é a ordem, estas as boas finanças que Salazar deu ao seu povo: miséria crônica e sem horizontes e absoluta impossibilidade de reivindicação e reação. A polícia abafou tudo. Já agora há sinais — a carta do Bispo do Porto é um deles, e forte — de que essa estúpida e mediocre dura marcha para o fim; e já vai tarde!